

ESPIRAL

Maria Alzira Seixo*

O início do poema sublinha a relação homem-terra, trave mestra na composição de “Espiral”, do livro Coroa da Terra. E sabemos como tal relação foi importante no pensamento e vivência de Jorge de Sena, patentes nas modalidades literárias que cultivou. Coroar a terra é possibilidade de a louvar, entendendo que sobre ela a vida vem e se esvai, e deixa marca humana; agradecendo o tanto que à vida proporciona.

Ora essa trave mestra deixa, porém, de ser ‘trave’, pelo esboço de corporização ascendente que o título “Espiral” inculca no texto, em perspectiva incerta mas dinâmica, ao actuar em ânsia de subida e consagração. E é a partir daí que se lhe vai juntar uma outra e fundamental hipótese, a de índole comunitária, já que o sentido de elevação transcende aqui o ser único para o alçar ao grupo, à cidade, e talvez ao mundo.

Sendo a poesia lírica, à partida, a produção de uma voz singular, e, nela, a expressão estética de acções, desígnios, juízos, e/ou sentimentos (entre os quais poderemos inserir o da dúvida), reparamos como, neste poema, a palavra “caminho” se vai com nitidez destacar, e com insistência, ao longo do texto, em relação dupla com a dominância significativa do título: a de uma indesmentível ascensão. Uma ascensão que, porém, integra as dimensões curvilíneas (de percurso incerto e contingente, de rodeio ou de estratégia – e aliás as do próprio veículo ou de quem possa dirigi-lo), num movimento complexo de rotatividade que se diferencia da subida em nítida direcção vertical.

O poema, as águas e as graças: a dedicação à literatura como estilo de vida no mundo (em produção poética e no seu ensino), a sua corporização na criação do texto (concretizando a ideia de poesia) e na devoção que se lhe vota, pela sua finalidade (viver e ensinar), pelo seu alimento (receber as

graças), mantendo a continuidade nessa sede de viver. O alvo do movimento (e não de uma viagem, já que as rotações de uma espiral não permitirão que se determine o ponto exacto da sua abordagem no terreno, nem se o abordará) surge incerto e ocasional; e o caminho, que necessariamente se percorre, carrega um forte sentido de contingência, mas também de subida em perspectiva de pensamento, de ideal, e em realização do olhar e, quiçá, de projecto: sendo, portanto, componente decisiva na orientação do sentido dessa espiral, capaz de secundarizar efeitos de acidente, desvio ou malogro. E a solidão (“incipit”: “um só poema basta”) não se refere tanto a escassez ou abandono, já que a solidão pode ser riqueza apreciável, mas, ao invés, à convicção do sucesso da insistência no pro-jecto que o homem concebe; ou ao efeito científico da elipse que o criador traçou, ou cujo traçado a si advém. Como movimentação orientada pela certeza de se encontrar o tal caminho; mas ficando ainda hesitante o seu valor.

As características da “espiral”, bem como as da sua rotação, acentuam a capacidade de “subida em verticalidade” ou até de uma elevação oblíqua; as quais poderão considerar-se em curiosa aliança de sentido. E pensar-se aqui, de modo fortuito ou fundamentado, no percurso de vida-obra de Jorge de Sena, parece plausível. E veja-se que é a ideia de “caminho” que preenche a primeira estrofe do texto: “Um só poema basta para atingir a terra/ caminho de todos os poemas,/ sinal de todas as graças,/ poço de todas as águas,/ tenham ou não tenham olhos que as chorem.”

O poema é então instrumento de descida, tanto quanto de ascese do ser; pois é ele que vai encarar a terra como valor vital máximo, aqui concebido como um afastado chão. Isto é: o céu ficou longe; e terra e águas combinam-se no poço, o qual participa ainda desse valor dúbio que reserva a água, por mãos humanas, para a via do nascimento e prolongamento da vida: água da poesia, já que é entendida como a forma que aguarda o seu conteúdo. Parece, pois, ser possível reunir as componentes complementares de “poço” e de “caminho”, etapas da rotação da vida, como a poética de

Sena aqui as pressupõe. O percurso humano, agora terreno e em chão raso, pode então ser visto como traçado da existência desenvolvendo a rota poética: cruzando “as graças” e “as águas”. E constituindo uma revelação: do poço se libertam nascentes e formas de vida.

Terra, água, poço, poesia, caminho, vida...

* Professora Catedrática da Univ de Lisboa desde 1980, Presidente Honorária da Associação Internacional de Literatura Comparada. Leccionou Literaturas Portuguesa, Francesa e Comparada, como Professora Convidada, em universidades de vários países de todos os continentes. Sobre as mesmas literaturas, é autora de três dezenas de livros de carácter científico e/ou crítico, além de inúmeras publicações em revistas especializadas.